

PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

Episódio 06: A cor dos faraós

Tiago Rogero: Em 1789,
mais de 30 anos antes da Independência do Brasil,

os escravizados de um engenho no Sul da Bahia

mataram

o mestre de açúcar.

Eu até falei sobre essa função no episódio passado:
basicamente era o responsável por supervisionar a parte do beneficiamento do açúcar,
da transformação do melaço em açúcar refinado.

Depois de matar o mestre de açúcar,
os escravizados foram até o dono do engenho e apresentaram um documento.

A gente já falou disso também, mas era muito raro que qualquer pessoa soubesse ler e
escrever no Brasil naquela época.

Menos ainda pessoas escravizadas,
por causa das proibições e interdições.

Mas não era impossível.

E os trabalhadores escreveram assim:

"Meu senhor,
nós queremos paz

e não queremos guerra.

Se o meu senhor quiser paz,

há de ser nessa conformidade".

Ou seja: a paz teria que ser nos termos deles.

Daí eles fizeram uma série de exigências por melhores condições de trabalho.

Queriam ter livres tanto as sextas-feiras quanto os sábados,

pra que pudessem cultivar as próprias roças;

e diziam que não aceitavam os feitores atuais do engenho.

Feitor era uma outra função, né? Era o supervisor-geral de toda a operação.

Os trabalhadores exigiam que fosse feita uma eleição pra escolher os novos feitores.

E eles terminavam assim o documento:

"Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos,
sem que nos impeçam e nem que seja preciso pedir licença".

Esse brincar e cantar tem mais significado do que parece,
e daqui a pouco a gente chega lá.

Isso tudo foi no Engenho de Santana,
que ficava em Ilhéus, no Sul da Bahia.

E por causa disso o documento ficou conhecido como o Tratado do Engenho de Santana.

Gilmário Santos: Olha só, o terreiro Matamba Tombenci Neto, ele é fundado em 1885, em uma localidade que fica numa zona rural da cidade de Ilhéus, no Engenho de Santana, onde houve uma revolução escrava aqui. Se constituiu um documento dizem né que é o primeiro tratado trabalhista aí entre patrão e empregados onde esses escravos, eles pontuaram nessa carta algumas das suas reivindicações.

Tiago Rogero: O dono do engenho acabou pedindo ajuda pro juiz do distrito,

que enviou mais de 80 homens armados pra conter a revolta.

Aí lá pela época da Guerra da Independência,
a fazenda já tava na mão de outro senhor,
e teve uma outra revolta dos escravizados do Engenho de Santana.

Os trabalhadores mantiveram o controle por mais três anos.

Só em 1824 que as autoridades conseguiram retomar o engenho,
e os revoltosos montaram quilombos nas matas ali por perto.

E foi a partir dos remanescentes desses quilombos que nasceu esse terreiro que a gente ouviu há pouco, lá em Ilhéus.

Gilmário Santos: Né? Aqui também, minha mãe, é a sala da consulta dela, onde ela recebe os clientes dela, também. Aí aqui é a camarinha, onde recolhe os filhos de santo. Aqui o quarto dos tata, das makota. Aí nos temos aqui...

Olha, meu nome é Gilmário Rodrigues Santos, esse é o nome que eu fui batizado na Igreja Católica, mas eu faço parte também da religião do Candomblé. Sou membro do terreiro Matamba Tombenci Neto, o qual eu recebi o nome de Tata Luanda Nkosi. Eu sou Tata Kambondo aqui do Terreiro Matamba Tombenci Neto, na cidade de Ilhéus, no estado da Bahia, no sul da Bahia.

O terreiro Matamba Tombenci Neto é referência na cidade por ser um dos terreiros mais velhos. Então, quando acontece algum tipo de casos desse de intolerância religiosa, de desrespeito, essas pessoas procuram a gente naturalmente. Nós tivemos vários casos aqui em Ilhéus. Vários casos.

Tiago Rogero: Um desses casos acabou sendo com parentes dele.

Gilmário Santos: O meu tio, que é casado com Imbialê Neuzira, filha de santo da minha vó... Boa parte desses meus primos, que não é daqui da comunidade, boa parte deles são evangélicos...

E a mãe desses primos, a mãe consanguínea deles, é uma ialorixá.
É uma mãe de santo.

Gilmário Santos: ...e aí meu tio faleceu. Ele não era iniciado, mas ele ajudava a Neuzira, né, Imbialê, nas obrigações e tudo. E aí a gente foi pro funeral dele. Chegou lá tinha muitos evangélico lá, pessoal da igreja dos filho tudo. Quando chegou no sepultamento, o nkosi, né, o Ogum de Neuzira Imbialê, que era esposa de meu tio pegou, manifestou nela. Na hora de arriar o caixão na cova, o Ogum virou. Pegou ela.

Tiago Rogero: O orixá da Neuzira se manifestou nela.
Queria se despedir do marido da Neuzira, que tinha falecido.

Gilmário Santos: E aí esses evangélicos começou tentando pegar o Ogum: 'Sai, sataná; sai, seu diabo; tira ele, tá repreendido, não sei o quê'. E gerou aquela confusão...

Tiago Rogero: E esse tipo de confusão tem acontecido cada vez mais no Brasil.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 01: A gente volta falando de um pastor evangélico que foi autuado por intolerância religiosa em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, depois de gravar um vídeo mostrando que destruía imagens sagradas.

Voz 02: Integrantes da rede de articulação da caminhada dos terreiros fizeram um protesto hoje à tarde no Recife. A manifestação foi contra um pastor evangélico que divulgou um vídeo nas redes sociais com agressões às Religiões de Matrizes Africanas.

Voz 03: O Bahia Meio Dia Regional começa falando sobre uma denúncia de intolerância religiosa aqui em Vitória da Conquista. Uma mãe de santo acusa um pastor evangélico de agressão e intolerância. O caso foi parar na polícia.

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: Nos últimos anos, os casos de intolerância religiosa, ou mesmo de terrorismo contra Religiões de Matriz Africana, têm aumentado.

Têm escalado.

Quando a gente vê esse tipo de caso hoje em dia,
tem um grupo bem específico que costuma tá por trás.

Um grupo de Bíblia na mão.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 04: Uma menina de 11 anos foi atingida na cabeça por uma pedra a caminho para um culto de Candomblé, no Rio de Janeiro.

Voz 05: Segundo testemunhas, dois homens que estavam naquele ponto de ônibus do outro lado da rua começaram, então, a ofender o grupo, que preferiu não reagir às provocações. Eles estavam bem vestidos, com bíblias na mão...

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: Aí a primeira pergunta que eu faço pro senhor nesse sentido é: existe liberdade religiosa no Brasil hoje?

Ivanir dos Santos: Depende pra quem.

Tiago Rogero: Este é o Ivanir dos Santos, que é professor, pesquisador e ativista na luta contra a intolerância religiosa. Ele também é babalaô.

Ivanir dos Santos: O processo de entender a liberdade religiosa no Brasil... temos que entender o processo histórico do país, né? Primeiro nós temos um país que, durante a colônia e o Império, a Igreja Católica fez parte do Estado.

Tiago Rogero: E tá aqui uma questão bem importante.

É inegável que boa parte dos ataques a Religiões de Matriz Africana, hoje,

sejam cometidos por alguns evangélicos, principalmente os neopentecostais.

E a gente vai tratar disso em detalhes,
com toda a complexidade que o assunto exige.

Mas se a gente pegar a História do Brasil,
todos os anos,
desde a colonização, passando pelo Império e a República,

na maior parte desses anos,
desses séculos,
teve um outro grupo promovendo esses ataques.

Ivanir dos Santos: Nesse período não tinha pra ninguém, a não ser a Igreja Católica. Então as manifestações naquele primeiro momento dos escravizados e também dos indígenas, não tinham liberdade. O que tinha era conversão, a catequese, né, forçada, desses grupos.

Tiago Rogero: A Igreja Católica foi a principal sócia de Portugal na empreitada da colonização.

Na empreitada
da escravidão.

Da exploração de mentes e corpos negros por mais de três séculos.
Do genocídio desse povo.

A principal sócia.

E durante todos esses anos, a Igreja Católica foi a principal responsável por perseguir qualquer manifestação religiosa que não fosse a do catolicismo.

A Igreja Católica desenvolveu uma justificativa ideológica e teológica pra barbárie que foi a escravidão.

Algumas dessas ideias permanecem até hoje,

e dão base não só pra intolerância religiosa, pro terrorismo contra Religiões de Matriz Africana,

mas dão base pro próprio racismo.

Eu sou o Tiago Rogero,
este é o podcast do projeto Querino,
produzido pela Rádio Novelo.

Episódio Seis: A cor dos faraós.

Até onde se sabe, a primeira viagem de tráfico negreiro de escravizados foi lá por volta de 1440,

quando um português, a mando da Coroa portuguesa, foi até a região do Rio do Ouro, no continente africano, pra comprar azeite e pele de leão-marinho.

Daí esse português sequestrou 12 africanos e levou pra Portugal.
Uns 3 anos depois, teve o primeiro leilão de escravizados em Portugal.
E aí já eram mais de 200 pessoas; entre elas, crianças.

E é sempre bom lembrar que não foi nesse momento que a escravidão começou.
Que ela foi inventada.

A escravidão já existia, e há muito tempo.
Tinha escravizado na Grécia Antiga, por exemplo.

A própria palavra escravo,
e fica mais fácil quando a gente pensa nela em inglês,
slave,
vem do latim *slavus*,

que é uma referência aos eslavos que por muito tempo foram escravizados.

E o povo eslavo,
é branco.

É que havia muitos motivos pra se escravizar uma pessoa:

podia ser como resultado de uma guerra, por exemplo,
ou por dívida.

Mas não se escravizava alguém só por ser de determinada raça.
Muito menos só por ser negro.

Até porque essa ideia,
de quem é negro e quem não é,

é uma ideia criada depois, justamente pra justificar essa nova forma de escravidão que surge a partir do momento em que Portugal começa a expandir o seu império.

Uma forma mercantil. Em que a pessoa escravizada se transforma em mercadoria,
e na mais valiosa e lucrativa mercadoria de todas.

Quem começa com isso é Portugal.

Portugal,
e a Igreja Católica.

Porque a Igreja é quem dá autorização pra isso.

A Igreja deu subsídio moral e ideológico pra que a Coroa portuguesa escravizasse os africanos.

Pouco depois desse primeiro leilão de escravizados,
o papa publicou uma bula que os historiadores chamam de

"a carta régia do imperialismo português".

E lá ele autorizava a escravização dos africanos.

A desculpa era: a escravidão serviria pra salvar a alma deles,
porque quem sequestrava estaria convertendo aquelas pessoas

pro cristianismo.

Mas eu queria que a gente tentasse pensar no continente africano
antes de tudo isso.

Fernanda Thomaz: Bom, meu nome é Fernanda Thomaz. Sou professora de História da África na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Pensar o continente africano antes do tráfico transatlântico, penso em diversidade. Porque eram povos diferentes, não eram, não eram irmãos. Sabe? Esse papo é nosso, éramos irmãos. A ideia de África nem existia. Essa ideia de África é construída pelos europeus, exatamente com esse contato ao longo do tráfico de escravizados e depois com o colonialismo, que aí sim define o outro como um continente africano. Mas essa identidade de se achar africano, não. O cara era bacongo, o outro era ovimbundu, sei lá, o outro era macua, maconde, hauçá. Entende?

Em termos culturais, a gente tá falando de um continente com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados. Continente com dimensões gigantescas, que hoje tem cerca de 2 mil povos.

Tiago Rogero: Mesmo sabendo da complexidade que é tentar pensar em definir uma religiosidade num continente tão diverso,
com povos tão distintos,
eu perguntei pra Fernanda se haveria elementos em comum entre boa parte dessas diferentes culturas.

Fernanda Thomaz: Primeira coisa, Tiago, é a gente ter noção de que é muito da nossa sociedade separar sagrado e profano. E eu não sei nem se o termo religião daria conta pra pensar nessas práticas espirituais do continente africano, das sociedades africanas. Mas acho que o primeiro ponto a pensar é que não há uma separação. O cotidiano ele tá mergulhado em espiritualidade.

Pensando na linha do Deserto do Saara pra baixo, é muito comum o culto aos ancestrais na grande maioria das sociedades africanas, assim.

Tiago Rogero: O culto aos ancestrais.

Fernanda Thomaz: Eu tô falando em sociedades em que o pertencimento histórico, o pertencimento num território tem a ver com as suas heranças, na relação de parentesco, as suas heranças na linhagem, né? Ou seja: é quem na verdade cuidou de você, é quem trouxe você pro mundo, é que na verdade um dia ele vai ser o mais velho e um dia ele vai ser o ancestral.

Tiago Rogero: E era uma relação não só com quem veio antes, mas com o território também.

Fernanda Thomaz: Tem um caso, era um jornalista conhecido, lutou pela independência de Moçambique, enfim. Ele queria dar um enterro digno pro pai na concepção dele. E enterrou no cemitério da cidade. Passaram-se 20 anos, ele teve AVC, vários problemas, inclusive profissionais. Ele procurou todos os meios, né, desde cuidar do físico, né, ir ao médico, enfim, né, mas, é, outras coisas acontecendo que não tinha explicação...

Tiago Rogero: E aí ele procurou um curandeiro.

Fernanda Thomaz: E aí o curandeiro disse pra ele: 'Olha, seu pai quer falar com você. Você precisa, né, jogar os oráculos pra saber que o seu pai quer falar com você'. Ele não acreditou, né: 'Eu sou um homem da ciência, vou pensar nisso?'

O que que ele descobriu? O pai dele tinha sido enterrado no cemitério da cidade e ele queria ser enterrado na terra onde tavam os avós, os antepassados, os ancestrais dele. E aí ele faz exumação das ossadas, transporta tudo para Inhambane, lá pra terra onde tava os ancestrais, e aí teve todo um ritual, enfim, né? Após o ritual, a vida dele voltou à normalidade, entende? Tudo voltou à normalidade.

Tiago Rogero: Tem uma palavra de origem banto, *calunga*, e ela quer dizer um monte de coisa.

Um significado bem comum é o de morte, além.

Daí eu já tinha lido que, pra muitos povos africanos que foram escravizados,
a travessia pelo mar,
aqueles dias todos no porão de um navio negreiro,

aquilo era encarado como uma morte, mesmo.

Porque o mar era chamado de calunga grande.

Mas eu entendi errado.

Fernanda Thomaz: A morte, em muitas sociedades africanas, ela simboliza uma outra coisa. A morte não é um problema. Sabe? A morte não é obscura. A morte é simplesmente uma passagem nessa existência. O mundo do vivo depende do mundo dos mortos e vice-versa, sabe? Porque o mundo dos mortos é o que me dá sentido, sabe?, dá sentido pra minha existência. A morte, ela só simboliza uma passagem, que é pra ir pra esse outro mundo.

Tiago Rogero: A travessia num navio negreiro num era a morte.

A travessia era algo pior.

Fernanda Thomaz: Porque na verdade corta seu eixo com seu território. O mar simboliza esse tempo de ida, que não tem volta.

E esse mar é o que corta a sua relação com sua linhagem, com o seu território de onde você veio. E corta a sua relação com a sua história. Porque ainda que você leve seus ancestrais contigo, a relação não é a mesma do lugar em que você vive, porque você largou seu eixo. Sabe? Esse indivíduo que tem toda uma relação de coletividade ele passa a ser individualizado. E eu acho que essa individualização é quando esses indivíduos são comprados na costa e eles atravessam. Quando eles atravessam eles tão entran... emergindo numa outra cultura e numa outra posição social. Porque ele passa a ser mercadoria, ele passa a ser escravo. A morte ela se dá no processo, e é no processo de travessia. Mas é uma morte que ela é feita a partir do desenraizamento. Essa morte da travessia é muito maior do que a morte física.

Tiago Rogero: E sabe quem também participava do tráfico negreiro?

A Igreja.

Em 1558, tinham mais de 10 mil pessoas escravizadas trabalhando em sítios e fazendas dos jesuítas em Angola.

Daí começaram umas críticas dentro da própria igreja – não à escravidão, mas à participação deles no tráfico. E o padre responsável pela missão respondeu que seria impossível sustentar a operação sem o tráfico negreiro.

Pensando aqui no Brasil, agora: a Igreja ganhava por cada escravizado que fosse batizado. E era lei: todo escravizado deveria ser batizado.

E a Igreja já tinha tentado justificar a escravidão com aquela desculpa de salvar almas.

Pra manter de pé o regime escravocrata, a coisa foi ficando ainda mais complexa.

A igreja criou toda uma justificativa ideológica e teológica.

Tinha por exemplo a ideia de que os africanos deveriam ser escravizados porque eles teriam sido

amaldiçoados.

E havia toda uma pedagogia da escravidão.

A igreja pregava que os senhores tinham nascido pra serem senhores, e os escravizados, pra serem escravizados.

Um dos principais nomes dessa pedagogia era o Padre Antonio Vieira, que até hoje dá nome a uma porção de coisa no Brasil. Eu já morei numa Rua Antonio Vieira, por exemplo.

Ele dizia que o trabalho no engenho era a cruz, e que não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido com a Paixão de Cristo

do que o trabalho escravo nos engenhos.

A religião católica num era só a oficial.
Era a única permitida.

Manifestações religiosas que não fossem católicas eram classificadas como heresia.

Feitiçaria.

Coisa do demônio.

Aí veio a Independência, o Brasil se separou da Coroa Portuguesa,

mas tava lá na Constituição de 1824, que durou até o fim do Império:

"A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império".

E tinha mais este trecho:

"Todas as outras religiões serão permitidas"

e eu chamo a atenção pra isso

"com seu culto doméstico,
ou particular em casa para isso destinada",

mas essa casa não poderia parecer um templo do lado de fora.

E a Constituição também dizia que

"ninguém pode ser perseguido por Religião,
uma vez que respeite a do Estado,
e não ofenda a moral pública".

E você sabe o que sempre foi uma ofensa à moral pública no Brasil, né?

Qualquer traço de africanidade.

Como as Religiões de Matriz Africana.

Embora carreguem elementos seculares e até milenares,
as Religiões de Matriz Africana que nós conhecemos hoje são relativamente recentes,
a partir da segunda metade do século XIX.

E são várias, né? Tem as mais conhecidas, Candomblé e Umbanda,
mas também tem o Tambor de Mina e o Terecô, no Maranhão;
o Xangô e o Xambá, em Pernambuco e Alagoas;
a Cabula, no Espírito Santo,
o Batuque, no Rio Grande do Sul,
o Babaçuê, no Pará,
a Quimbanda, no Rio e em São Paulo,
o Omolokô, em Minas, no Rio e São Paulo...

São religiões que nasceram aqui no Brasil. Com elementos de diferentes sociedades e
culturas africanas, mas que nasceram no Brasil. São afro-brasileiras.

E não é que não havia essa religiosidade aqui antes do século XIX.

Apesar da religião oficial imposta pelo Estado,
pessoas negras nunca deixaram de professar a própria fé.

E tinha muito senhor que, no interior das fazendas, permitia isso pra não provocar uma
revolta.

Lembra do Tratado do Engenho de Santana,
quando os escravizados exigiram poder brincar, folgar e cantar sem pedir licença?

Isso podia tanto significar o puro e simples lazer

quanto religiosidade também.

Chamar de brincadeira era uma forma de proteger esses ritos religiosos.

Era uma forma de resistência.

Com o passar dos anos, até por causa do número cada vez maior de pessoas negras que tavam conquistando a própria liberdade,

foram surgindo mais casas, mais terreiros.

Daí olha esse caso de 1849,
em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Uma mulher negra fez um requerimento pro chefe de polícia.

Ela fez um pedido.

Quem vai contar aqui é o historiador e professor Paulo Moreira.

Paulo Moreira: Então, ela se apresenta pro delegado de uma determinada maneira, se apresentando como Maria José, preta forra, Rainha Ginga...

Tiago Rogero: Rainha Ginga.

Paulo Moreira:de nação angola, com predomínio sobre as outras nações da costa da África, e ela reclama de que ela tinha uma licença pra brincar com as pessoas da sua nação. E ela pedia, então, que essa licença, ela fosse renovada. E aí é interessante da forma como ela se apresenta e como ela tenta disfarçar aquela manifestação coletiva, aquela manifestação comunitária, como brincadeiras.

E aí a polícia fica toda ressabiada porque evidentemente, mesmo ela sendo forra, a presença dessa mulher, e a liderança que ela tinha nessa comunitária, atemorizava aquela sociedade branca de uma forma que essa sociedade, durante muito tempo, ficou pensando se renovaria a sua licença.

Tiago Rogero: A licença tinha sido cassada.

Paulo Moreira: E aí, então, num determinado momento, a licença dela é renovada desde que as manifestações, as festas, os brinquedos, fossem feitas extramuros da cidade. Ou naquilo que se chamava na época da várzea de Porto Alegre.

Tiago Rogero: Lembra do nome que ela usou quando fez o requerimento pro chefe de polícia?

Paulo Moreira: Quando ela se apresenta como Rainha Ginga, não é uma coisa fortuita, não é uma coisa por acaso. Ela certamente escolheu aquilo ali. Talvez ali nesse momento ela estivesse dando uma intimada até no delegado. Como se ela estivesse dizendo: 'Olha, veja bem com quem você está falando, né, eu sou Rainha Ginga, eu sou uma mulher que represento várias nações da Costa da África.' A Rainha Ginga, como a gente sabe, né, é uma mulher que realmente existiu, se trata de Nzinga Mbandi, uma mulher que viveu ali de 1582 a 1663. Nunca pisou no Brasil, né? Foi uma rainha, no reino do Dongo e reino de Matamba, uma pessoa extremamente importante.

Tiago Rogero: Nos anos em que ela esteve no poder, a Rainha Nzinga conseguiu barrar o avanço de Portugal sobre o reino dela.

Paulo Moreira: E essa presença da rainha, nessa região Congo Angola, marcou tanto a memória dessas pessoas que foram trazidas compulsoriamente pro Brasil, que Rainha Ginga se tornou uma distinção, né? Se tornou um elemento de prestígio. Quando a Maria José, ela diz que ela é Rainha Ginga, ela tava chamando pra si uma certa realeza mas também uma representatividade ligada a sua ancestralidade.

Tiago Rogero: Ancestralidade.

Paulo Moreira: No Rio Grande do Sul, assim como o Brasil, de uma forma geral, a gente tem uma série de territórios negros. E nesses territórios existem uma série de festividades que dialogam com essa memória da África. E aí nessas manifestações atualmente, nesses territórios negros, a gente ainda tem a presença da Rainha Ginga e do Rei Congo. Tu tem Rainha Ginga e Rei Congo dentro das irmandades, nisso que a gente chama de afro-catolicismo.

Tiago Rogero: As irmandades negras,

dentro da Igreja Católica.

Petrônio Domingues: As irmandades negras é considerada a primeira forma de associativismo negro que surge no Brasil.

Tiago Rogero: Este é o historiador e professor Petrônio Domingues.

Petrônio Domingues: Associativismo negro foram as formas encontradas pela população negra de adaptação a esse novo continente, às Américas... Essa população desenvolveu várias formas, né, várias estratégias de resistência.

As irmandades negras elas remontam ao período colonial, criadas inicialmente, uma iniciativa dessa população escravizada, que buscou seu espaço na Igreja Católica. Um lugar em que essa população escravizada pudesse professar sua fé.

Tiago Rogero: A Igreja tolerava,
e até fomentava o surgimento dessas irmandades negras,
que precisavam de autorização pra funcionar.

Do ponto de vista da Igreja, não deixava de ser uma forma de controle e de catequização.

Petrônio Domingues: Isso é pelo olhar da Igreja Católica, né? Porque do ponto de vista dos escravizados, as irmandades negras eram um espaço de resistência. Era um espaço em que eles se sentiam fortalecidos, se sentiam unidos e fortes em função dessa união coletiva. Porque era um espaço em que você iria não só ter um espaço de culto, um espaço pra você professar sua fé, um espaço pra você poder fazer sua prece, você cultuar o seu santo. Mas também era um espaço em que você ia encontrar os seus; seus irmãos, seus irmãos de cor. Era um espaço em que essa população de cor se unia, se fortalecia do ponto de vista da sua identidade. E era um espaço em que também se articulava a luta pela conquista da liberdade. Então as irmandades negras foram responsáveis por comprar muitas alforrias.

Tiago Rogero: As irmandades também construíram igrejas porque os negros, mesmo os que eram livres,
não eram bem aceitos nas igrejas dos brancos.

Os africanos e seus descendentes acabaram criando um catolicismo popular, muito permeado pelo sincretismo, pela mistura de elementos com as Religiões de Matrizes Indígena e Africana.

E houve muitos casos de seguidores de Religiões de Matriz Africana que também faziam parte de irmandades católicas. E não só de seguidores, mas também de líderes dessas religiões.

A Mãe Aninha, uma das mais importantes mães de santo da nossa História, que nasceu em 1869, em Salvador, fez parte de duas irmandades católicas.

E, além da compra de alforrias, as irmandades garantiam também uma boa morte: um enterro digno, com direito a funeral, missa.

Quando o João Cândido, o Almirante Negro, foi julgado pela Marinha do Brasil por se revoltar contra os castigos corporais, na Revolta da Chibata, ele e os outros marinheiros que sobreviveram, os que não foram assassinados pela Marinha, eles foram defendidos por advogados contratados pela irmandade do Rio.

E isso tudo foi já na República, né?
Porque depois da abolição e da República as irmandades continuaram a existir.

Assim como continuou

a perseguição
às Religiões de Matriz Africana.

Ivanir dos Santos: Quando é proclamada a República, é interessante observar que a Abolição se dá em 1888, a República vem em 1889, e em 1890 nasce primeiro o código criminal.

Tiago Rogero: Aqui de novo o babalaô Ivanir dos Santos.

O que ele tá contando é que em 1890, depois do golpe que derrubou o Império e instituiu a República,

o governo provisório publicou um decreto que tornou o Brasil, pela primeira vez, um estado laico.

Ao menos na teoria.

Mas ainda naquele ano veio o Código Penal.

E o Código Penal colocou como crime à saúde pública:

a prática do espiritismo,

da magia e dos seus sortilégios,

além do uso de talismãs e de cartomancias.

De maneira geral, tudo o que não fosse uma religião cristã

entrava nessa categoria aí.

Ivanir dos Santos: Na História do país, você teve sempre um grupo religioso que é perseguido pelo Estado. Na colônia e no Império e no início da República, e que perdurou pra depois da República... tanto que esses objetos sagrados hoje, que estão no Museu da República, eu costumo dizer que é a maior prova concreta de como o Estado republicano nos tratou até hoje.

Tiago Rogero: No começo do século passado, a própria imprensa comemorava os ataques da polícia aos cultos de matriz africana. Os jornais chamavam de "limpeza".

A Polícia Civil do Rio tinha uma delegacia só pra lidar com esse tipo de caso.

Durante décadas, a polícia apreendia objetos religiosos, e por outras tantas décadas, e até muito recentemente, essas peças sagradas eram expostas num Museu de Magia Negra, esse era o nome.

Até que a campanha Liberte Nosso Sagrado conseguiu que todo o material fosse transferido pro Museu da República, em 2020.

Ivanir dos Santos: Nos últimos 30 anos, o Estado deixou ele diretamente de perseguir. E aí surgem os neopentecostais e essa pressão vem desses grupos. Mas com a omissão do Estado.

Tiago Rogero: E aí a gente chega a este momento atual.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 06: No interior de São Paulo, uma mãe chegou a perder a guarda da filha de 12 anos depois de denúncias de maus tratos e abuso num ritual de iniciação ao Candomblé.

Voz 07: A decisão levou em consideração acusações feitas pela avó materna da criança, que não foram comprovadas.

<<<< som de TV desligando >>>>

Ivanir dos Santos: O Executivo e também boa parcela do Judiciário se omite diante do combate sistemático que é feito contra os cultos afro-brasileiros. Sistemático.

Tiago Rogero: E a coisa escalou a tal ponto que agora tá acontecendo isso aqui.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 08: Traficantes estão impedindo terreiros de Umbanda e Candomblé de funcionar. Os espaços são invadidos e depredados pelos bandidos. Neste muro, a inscrição: 'Jesus é dono deste lugar'.

<<<< som de TV desligando >>>>

Ivanir dos Santos: E quando chega o absurdo de você ter casas nossas sendo queimadas, sacerdote sendo assassinado, tráfico de droga evangelizado, que é uma coisa que nunca se pensou em ter; que expulsa e que obriga as pessoas a destruir o seu próprio sagrado. E tudo isso num silêncio. Então não tenho dúvida que se fosse contra outro grupo se agiria mais rápido. Então essa liberdade pra nós nunca existiu.

Tiago Rogero: Nessa perseguição recente às Religiões de Matriz Africana, especialmente nos casos em que os ataques foram promovidos por evangélicos, tem uma coisa que pega demais pra mim:

a quantidade de gente negra que tá nas Igrejas Evangélicas.

Aliás, dizer "evangélicos" é uma forma de generalizar, né?

São muitas denominações diferentes, e daqui a pouco a gente vai falar sobre elas.

Inclusive muitas pessoas dessas religiões preferem usar o termo "cristãos",

mas como o IBGE usa evangélicos, a gente vai manter essa denominação aqui só pra ficar mais simples, já que em cristãos entram também os católicos, enfim.

E, pensando nos evangélicos, a maioria é negra:

pretos e pardos, 59%, segundo uma pesquisa de 2020 do Datafolha. É mais do que a proporção geral de negros na população brasileira, que fica ali entre 54% e 56%.

E tem um pastor negro, o nome dele é Marco Davi de Oliveira...

Bom, deixa ele se apresentar.

Marco Davi de Oliveira: Eu sou o Marco Davi de Oliveira, sou pastor da denominação Batista, sou pastor da Nossa Igreja Brasileira, Igreja Batista.

Tiago Rogero: Ele escreveu o livro: "A religião mais negra do Brasil: Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?".

Marco Davi de Oliveira: Porque na verdade, assim, se a gente pensar dos negros e negras religiosos, eles estão nas Igrejas Evangélicas. É óbvio que a maioria é católica. Mas quando eu falo que a religião mais negra do Brasil é a Igreja Evangélica, eu não estou falando de simplesmente crentes nominais ou de católicos nominais. 'Ah, eu sou católico, nunca vou à igreja, não participo de absolutamente nada, mas sou católico'. Na Igreja Evangélica num é isso. Então é nesse sentido que eu falo que a religião mais negra do Brasil é a Igreja Evangélica.

Tiago Rogero: O começo das Igrejas Evangélicas no Brasil foi no século XIX.

Primeiro com o que é conhecido como protestantismo de imigração:

os anglicanos ingleses e luteranos alemães que vieram ali na primeira metade do século.

Depois, teve o protestantismo de missão,

que eram missionários vindos principalmente dos Estados Unidos:
presbiterianos, metodistas, batistas...

Nessa leva acabou vindo gente do Sul dos Estados Unidos, inclusive.
O Sul escravista, dos confederados que queriam a todo custo manter a escravidão, mas que perderam a Guerra Civil. Daí muitos deles vieram parar no Brasil.

E essas todas são as chamadas igrejas históricas, dentro das evangélicas.

Aí lá nos Estados Unidos também surgiu a Igreja Pentecostal:

Marco Davi de Oliveira: Pentecostes era uma festa da colheita. Então as pessoas se reuniram lá, de diversas nacionalidades, inclusive vários africanos e tal, várias pessoas se reuniram lá pra essa festa. Quando Jesus Cristo terminou a sua missão e foi torturado e crucificado, ele ressuscitou e ele prometeu aos discípulos o Espírito Santo. E a chegada do Espírito Santo aconteceu nesse Dia de Pentecostes. E qual foi a evidência disso? É que as pessoas começaram a falar nas suas línguas, mas cada um entendia na sua própria língua. Os pentecostais, eles surgem com essa compreensão de que eles precisam revisitar esse dia e acontece aquela glossolalia, que eles chamam de glossolalia, aquele falar línguas e tudo mais, é como se fosse um retorno a esse dia.

Tiago Rogero: E o mito fundador da igreja pentecostal envolve um homem negro, o William Seymour, no começo do século XX.

A história era assim: o Seymour, que era filho de ex-escravizados, tava frequentando a escola bíblica, metodista, de um pastor, um homem branco.

E esse pastor branco...

Marco Davi de Oliveira: ...ele era muito racista, ele não deixava negros estudarem. A empregada dele pediu para que o William Seymour estudasse. Disse, 'Olha, ele pode estudar mas ele vai ficar pelo lado de fora, no corredor, da janela, ele não vai ficar junto com os brancos. Então ele fica pelo lado de fora, é, estudando'. Então ele fez o tempo todo de seminário dele no corredor. E aí aconteceu essa glossolalia, essa experiência do Pentecostes, na sala de aula, entre os alunos, eles começaram a orar e começaram a falar em outras línguas e terem manifestações com o

corpo, aquela coisa toda. Isso também aconteceu com William Seymour. William Seymour então foi pra Rua Azusa, encontrou uma igreja metodista, africana, abandonada. E ali ele começou os cultos dele. Interracial inclusive. Começou a incluir música negra. E muita utilização do corpo e é o mito fundante assim porque ferveu o mundo todo. Porque as pessoas iam lá pra ver o que tava acontecendo.

Tiago Rogero: Daí no fim dos anos 1970, aqui no Brasil, quando a ditadura tava em crise, a economia tava em crise, surgiram as Igrejas Neopentecostais.

E tudo isso ligado a um contexto geral de empobrecimento da população, de crescimento desordenado das cidades, de falta de oportunidades...

Marco Davi de Oliveira: Nas Igrejas Evangélicas, há redes de apoio, de comunhão, de ajuda. E é aquela igreja lá que muitas vezes no tiroteio o povo pra lá se esconde, se protege. É o lugar onde as crianças são atendidas, onde a mãe solo às vezes deixa a criança pra que ela possa trabalhar... é a cesta básica que chega.

Tiago Rogero: Onde o Estado não quis chegar, a igreja chegou.

E ela ajuda, de fato, muita gente.

Marco Davi de Oliveira: Ninguém se considera extremamente feliz ralando uma vida toda, não conseguindo absolutamente nada. Passando dificuldades o tempo todo. Não. Aí vem a Igreja Neopentecostal, com uma teologia que surgiu nos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade. Isso dá um empoderamento tremendo às pessoas que estão nas comunidades. Pô, o cara entende que ele não precisa ser pobre a vida inteira, que Deus não quer ele pobre daquele jeito, não quer ele passando dificuldades.

Tiago Rogero: Além de todos esses espaços que a Igreja Evangélica de fato ocupa, algo que a gente nunca pode esquecer é a agência das pessoas.

Não pode achar que é por desconhecimento, por inocência que as pessoas negras estão nessas igrejas. É por opção, também.

Por escolha.

Por considerarem que faz bem pra elas, pra vida delas, pros familiares...

Num dá pra ser fiscal da fé alheia.

E também num dá pra ficar só nesse discurso de: "Ah, é uma população que foi abandonada pelo estado". A proporção de evangélicos com ensino superior, por exemplo, é quase igual à dos católicos.

Agência. As pessoas escolhem o que elas consideram que é melhor pra elas.

E o Marco Davi acredita que uma outra razão pro sucesso das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais entre os negros brasileiros...

tá na africanidade:

Marco Davi de Oliveira: O pentecostalismo valoriza a utilização do corpo. Essa experiência, de ser tomado pelo Espírito Santo, isso pra mim é muito africano e tá muito próximo das Religiões de Matriz Africanas. O transe. Rapaz, eu me arrepio todo quando eu falo isso porque eu acho fantástico.

Tiago Rogero: E olha o que que o babalaô Ivanir diz sobre isso.

Ivanir dos Santos: Incorporar o Espírito Santo... Isso é africanidade. Vai incorporar o Espírito Santo e falar língua estranha. Qual é diferença do cara receber o Espírito Santo e o outro receber o Caboclo, ou receber o orixá? É transe. A incorporação. E isso é africano. Isso é da espiritualidade africana.

Tiago Rogero: Não é todo mundo, claro, que reconhece essa africanidade.

E isso tem um motivo.

Marco Davi de Oliveira: E aí eu lembro do meu pai, rapaz, tocava muito pandeiro. E pra você ver como é que a coisa era forte na minha cabeça porque a minha denominação, a minha igreja, de certa forma demonizava a cultura brasileira, né? Então, eu não aprendi a tocar pandeiro com meu pai, que tocava muito, né, e podia ter aprendido... E eu não aprendi nada disso porque a igreja dizia, mesmo que nas entrelinhas, que aquilo não era de Deus.

Tiago Rogero: Tem dois mitos,
de duas maldições,
que são espalhados até hoje por alguns pastores.

Um deles é o da Maldição de Cam.

O Cam era um dos filhos de Noé. Aquele Noé, da arca.

Marco Davi de Oliveira: Depois do dilúvio, né, houve o dilúvio; Noé, ele bebe, bebe lá seu vinho lá... e aí o Cam; tinha Cam, Sem e Jafé. E aí Cam vê a nudez de Noé...

Tiago Rogero: Isso tá na Bíblia.
O Noé acabou dormindo pelado,
o Cam, que era um dos filhos, passou,
viu e chamou os outros dois irmãos pra ver.

Os dois não entraram na pilha do irmão e foram andando de costas,
sem olhar pro pai,
e cobriram o Noé.

Quando o Noé acordou e descobriu o que filho mais novo tinha feito,
amaldiçoou não o Cam, mas o filho dele, o Canaã.

Daí tem pastor até hoje, e pastor famoso, pastor político,
que diz que os povos africanos foram escravizados por causa da Maldição de Cam.

Tem um texto que eu gosto, do teólogo e pesquisador Glauber Henrique Corrêa Rocha, que ele diz que na própria Bíblia, dos quatro filhos de Cam, três são descritos pelo Gênesis como os ancestrais dos povos africanos.

Sabe o único filho de Cam que não é ancestral dos africanos? Justamente o Canaã.

Ainda sobre esse mito, tem um quadro mega famoso chamado "A redenção de Cam". É uma pintura de 1895, quando o Brasil, depois de ter sido forçado a acabar com a escravidão, tava querendo eliminar a parcela negra da população.

Daí esse quadro mostra quatro pessoas.

Da esquerda pra direita, a primeira é uma senhora negra, de pele retinta, lenço na cabeça. Ela tá olhando pra cima com a mão aberta e parece que tá agradecendo aos céus.

Do lado dela tá uma moça mais jovem, daí você já consegue ver que teve uma miscigenação ali, porque ela é uma mulher negra de pele clara.

Do lado da moça, tá um homem branco. Ele tem um sorriso meio debochado, meio orgulhoso, e tá olhando pro bebê que tá no colo da moça.

Um bebê branco, provavelmente o filho do casal.

A senhora negra da ponta tá agradecendo pelo branqueamento da descendência dela. Lembra do nome do quadro? A Redenção de Cam.

E tem a outra maldição.

Marco Davi de Oliveira: Um dia, eu tava num seminário, jovem seminarista, tinha uns 30 mais ou menos, eu era o único preto no meio deles, né, e eu estava fazendo a palestra. E aí eu perguntei a eles: 'Qual a maldição de Caim?' E todos, em coro, responderam: 'A cor preta'. Eu olhei pra eles, assim, absorto, né? Não estou acreditando que eu estou num seminário presbiteriano e estou ouvindo um negócio desses. Aí eu pergun... falei assim: 'Gente, vamos ler o texto de novo?'.

Tiago Rogero: Cê conhece a história dos irmãos, Caim e Abel?

O Caim matou o irmão, daí tá lá na Bíblia que Deus colocou nele uma marca.

Num tem nada falando que a tal da marca seria a cor negra ou a pele negra. Nada.

Marco Davi de Oliveira: E essa interpretação tem que ser expurgada porque é uma interpretação extremamente racista. Extremamente maldosa. Não tem nada a ver com o texto. E me chama muito a atenção que essa coisa ainda esteja, de alguma forma, impregnada também na Igreja Evangélica.

Tiago Rogero: E tem um motivo pra existirem essas duas interpretações erradas da Bíblia.

Não foram erros acidentais, ambos foram conscientes.

E a origem disso tá na Igreja Católica,

naquela tentativa, que eu falei aqui mais cedo, de tentar justificar a escravidão.

De tentar justificar a exploração de um povo.

Como se fosse uma ordem divina e não uma escolha humana.

Uma deturpação que foi sendo passada adiante,
mesmo para outras religiões,

e que infelizmente se mantém até hoje.

Marco Davi de Oliveira: E eu já, nesses praticamente 30 anos, estou no meio evangélico falando contra o racismo da igreja... Já fui espezinhado de todos os jeitos que você possa imaginar. Um dia, eu estava num conselho de pastores, disseram que eu tava cheio de demônios e que queria dividir a igreja. Quando eu terminei, ouvindo aquilo tudo, aquela violência toda, naquele momento, rapaz, eu senti mesmo Deus falando no meu coração: 'É isso que eu quero que você faça. Eu quero que você continue falando contra o racismo na igreja'. Porque racismo é pecado, tira a possibilidade do outro ser imagem e semelhança de Deus, como inclusive a Bíblia diz. Tira a possibilidade do outro ser, existir, ter sua própria alteridade. É pecado, pecado.

Tiago Rogero: E é sempre bom destacar que não são todos os evangélicos que são racistas.

Ou, enfim, todos os pentecostais ou neopentecostais.

É claro que não são todos.

Obviamente há muitos evangélicos que discordam disso, que combatem isso.

E a gente precisa lembrar que os evangélicos também sofrem preconceito.

E uma boa parte desse preconceito tá fundada justamente em todos aqueles elementos que, como a gente ouviu há pouco, remetem à africanidade, como o transe.

Como se falar em línguas fosse algo risível,
como se fosse algo primitivo.

A gente já ouviu essa história.

É preconceito, puro e simples. Preconceito contra uma religião majoritariamente negra.

É uma violência que se retroalimenta.

E também é importante destacar que tem gente de outras religiões que também ataca as de matriz africana. Gente que também é racista.

Ou que no mínimo cruza os braços,
que se cala diante do racismo,

o que é tão baixo quanto.

Ivanir dos Santos: A sociedade precisa entender que o ataque às Religiões de Matriz Africana é um ataque à democracia e às liberdades. Só isso que eu quero que as pessoas pensem. Porque hoje somos nós. É o que eu sempre digo, né, primeiro nós vamos pra fogueira, mas depois vão os outros.

Tiago Rogero: Entre os católicos, tem um grupo ultraconservador no Rio de Janeiro que recentemente impediu a realização de uma missa histórica do Dia da Consciência Negra porque tinha atabaque na celebração.

Depois de a Igreja passar séculos lucrando com a escravidão,
foi só em 1839 que um papa pela primeira vez condenou o regime escravocrata.

Do outro lado da moeda, é inegável que alguns avanços sociais dos últimos anos no Brasil foram graças a movimentos que surgiram dentro da Igreja Católica, como por exemplo os pré-vestibulares comunitários, que garantiram a entrada de muita gente negra nas faculdades.

Assim como tem muito projeto social de Igrejas Evangélicas literalmente salvando vidas de pessoas negras.

Nem tanto ao céu,
nem tanto ao inferno.

Mas é difícil demais entender que em qualquer religião haja pessoas racistas, ainda mais num país em que mais da metade da população é negra.

Entre os muitos evangélicos progressistas e antirracistas que existem, um que eu acho que cê deve conhecer é o pastor Henrique Vieira.

Ele é autor de livro, já declamou em música do Emicida...

Eu entrevistei ele pro Vidas Negras, que é o podcast que eu fiz antes deste aqui.

E eu não esqueço de algo que ele disse nessa entrevista.
Ele me contou que a primeira Igreja Protestante do Brasil

era negra.

Nasceu no Recife.

Quem criou ela foi o Agostinho José Pereira,

o Divino Mestre.

Marcus Carvalho: Foi um líder rebelde, né, um líder popular, um líder da população negra do Recife. E que era cristão.

Tiago Rogero: Este é o historiador e professor Marcus Joaquim Maciel de Carvalho.

O primeiro documento que ele encontrou sobre o Divino Mestre relatava a prisão dele, em meio à Revolução Praieira, que foi uma revolta que aconteceu por causa de uma briga política, entre liberais e conservadores, no fim dos anos 1840.

E o Divino Mestre foi preso sob uma alegação:

Marcus Carvalho: Suspeição de tá insuflando uma revolta escrava. Aquela mobilização de negros, 300 negros e tal. E aí a defesa dele diz: 'Olha, ele não, ele é só um líder luterano. Ele é um líder religioso, no Brasil tem liberdade religiosa'. Mas as autoridades acham, sim, que ele, por trás disso, ele não é só um líder religioso ali. Quando ele foi preso, foi com ele mais 16 pessoas. E alguns quiseram ser presos com ele. Porque não queria deixar o Divino Mestre, que é um dos nomes de Cristo, né, Divino Mestre. Não queriam deixar ele ir sozinho pra cadeia, queriam acompanhar ele no infortúnio dele.

Tiago Rogero: Dezesesseis foram esses que foram presos junto com ele.

Mas tá na documentação que o Divino Mestre tinha uns 300 seguidores.

300 fiéis.

Marcus Carvalho: Quando o Divino Mestre se considera um verdadeiro cristão, um cristão ortodoxo, é assim que ele se percebe.

Tiago Rogero: Ele dizia que as imagens dos santos não tinham valor espiritual, e que os católicos não cumpriam os mandamentos.

E que ele tava em contato constante com Deus.

Marcus Carvalho: Ele se acha o verdadeiro portador da fé cristã. Então, isso incomoda em dobro porque ele tá confrontando um dos grandes pilares do Estado, que é a Igreja, porque havia nessa época a união Igreja-Estado.

Tiago Rogero: Mas aos olhos das autoridades daquela época, essa nem de longe era a maior ameaça representada pelo Divino Mestre.

Marcus Carvalho: É um herói, rapaz. Eu, eu fico imaginando, rapaz, naquela época, no Recife, o cara alfabetizando negros. Claro que isso é rebelde, não pode alfabetizar negros, né? Você tá entregando um instrumento a essa população escravizada poderosíssimo.

Tiago Rogero: E você lembra, e a gente já falou sobre isso,

da quantidade de impedimentos que havia, como leis por exemplo, pra que pessoas negras pudessem aprender a ler e a escrever...

Isso tudo que o Divino Mestre tava fazendo foi uns 40 anos antes da abolição.

Marcus Carvalho: E ele então foi capturado porque ele representava uma grande ameaça porque ele estava alfabetizando negros e negras na cidade do Recife e defendia um cristianismo próprio, não era o católico.

Tiago Rogero: No julgamento, a esposa dele contou que ela viu Deus num sonho.

Marcus Carvalho: E aí o desembargador pergunta se ele era branco ou preto. E ela responde que ele era acaboclado. E aí os caras ri, né, um riso provavelmente com um certo travo de nervosismo porque esse cara tá alfabetizando 300 negros, a maior parte deles são mulheres. É muito interessante também como é que eles lidam com essa questão cromática, de cor. Moreno, acaboclado, e isso a gente tentar evitar, é, as perspectivas contemporâneas e pensar nas perspectivas da época como estratégia de resistência, e de sobrevivência. O significado do uso dessas expressões.

Esse ver o Senhor num sonho vincula ao neopentecostalismo. Eu puxaria pra aí, os pentecostais mesmo, por um cristianismo que não é o católico e que tem elementos e tradições que se misturam com elementos e tradições africanas. E o mais próximo disso, no meu entendimento, é o cristianismo negro americano. É, a pessoa também recebe espírito, a pessoa tem sonhos, né.

Antes de se tornar o Divino Mestre, o Agostinho José Pereira nasceu livre, no Recife, em 1799. A mãe dele tinha sido escravizada.

Marcus Carvalho: E tem um instrumento, rapaz, didático arretado, que é o 'ABC'. Isso naquela época você aprendia a ler e escrever isso mesmo: A, B, C, D, E, F... Eu encontrei essa documentação do Divino Mestre, mas eu não tinha encontrado o 'ABC'.

Tiago Rogero: Muitos anos depois, o Marcus encontrou o "ABC".

Marcus Carvalho: É o primeiro documento que a gente tem escrito por um negro, contra o racismo, e a favor da revolução, meu amigo. Eu, eu não conheço um outro na historiografia brasileira anterior a esse. Porque o 'ABC' é fascinante. Então, se você tem um verso revolucionário, conclamando a revolução, é um texto em favor do orgulho da cor morena. Ele diz que é a cor dos faraós. É a cor de Jesus. É a cor daquelas pessoas que fizeram os grandes impérios e que tão sendo oprimidos aqui. E que vai ter uma revirada. Ele usa a expressão 'moreno'. Aí você vai pra um Moraes, que é um dicionário de 1817, moreno é um pardo escuro, né? É um negro.

Tiago Rogero: O "ABC" também cita a Revolução do Haiti, a revolta de escravizados que libertou a ilha da colonização francesa e criou um novo país, o primeiro país das Américas a abolir a escravidão.

A íntegra do ABC você pode ler lá no site do Querino: www.projetoquerino.com.br

O Divino Mestre acabou solto, mas não se sabe o que aconteceu com ele depois.

E toda essa história de resistência dele

me fez pensar de novo nas Religiões de Matriz Africana,

quando a gente vê todas essas notícias de que traficantes expulsaram o povo de santo das comunidades.

É óbvio que isso deve ser combatido,
que não pode ser normalizado,
não pode ser romantizado.

Mas tem uma outra coisa também.

E aqui de novo o babalaô Ivanir dos Santos.

Ivanir dos Santos: Expulsou da comunidade não tem mais. Isso é o que se acha. Mas se tu for andar direitinho aí a turma já sabe, que na segunda-feira, 'Cadê fulano?', 'Tá na casa de sicrano'. Né? Quando a gente vai lá ver e tal tá lá alguém virando no Exú dando, dando consulta. Apesar de todas essas pressões, nego fica quietinho mas vai, entendeu? Não tem publicamente, 'Ó, não pode'. Entendeu? Mas

'não pode' não quer dizer que nego não faça, entendeu? E a comunidade às vezes acoberta mesmo, né, tem gente que acoberta, não quer nem saber.

Tiago Rogero: É, resistência sempre, é a lógica da existência negra no Brasil é resistência, né?

Ivanir dos Santos: Isso, por isso que vai sobreviver. Porque que você acha que esses anos todos... perseguida pela Igreja Católica mais de 350 anos, depois perseguida pelo Estado, pela República, o aparato da República... E agora tu acha que vai acabar? Não vai acabar com isso. Comum chegar na Igreja Católica e ver o cara lá, o ministro da ca, eucaristia. Aí quando de noite você vai na Umbanda tá o cara lá, é o ogam. Pa pa pa... é... É assim que sobreviveu. Entendeu.

Tiago Rogero: O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, projetoquerino.com.br, reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que está sendo publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

Este episódio teve pesquisa de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira e Angélica Paulo, que também fez a produção.

A edição é do Lucca Mendes; a sonorização, da Júlia Matos e a finalização, da Pipoca Sound.

A checagem é do Gilberto Porcidonio, e a música original, do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro

A identidade visual é do Draco Imagem.

Os transcritores das entrevistas foram Guilherme Póvoas e Rodolfo Vianna.

A locução foi gravada no estúdio da Pipoca Sound, com trabalhos técnicos do Luis Rodrigues.

Consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, com revisão de Natália Silva.

Consultoria em História: Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Este episódio usou áudios de TV Globo, TV Brasil e SBT.

Até o próximo!